



Discursividades em *O cometa é um sol que não deu certo*

Discourses in O cometa é um sol que não deu certo

Viviane Mendes Leite¹

RESUMO: A teoria postulada por Bakhtin e o Círculo assenta-se na linguagem concreta, viva e valorada por sujeitos historicamente situados. Em oposição à abstração universalizante e ao tratamento linguístico na imanência da língua, a perspectiva bakhtiniana aponta para estudos e análises de enunciados concretos e relativamente estáveis em que a voz do outro e a retomada de outros discursos são elementos constitutivos que não podem ser negligenciados. Nesse constructo discursivo, propomos a análise de trechos da obra juvenil, *O cometa é um sol que não deu certo* (2017) de Tadeu Sarmiento. Ajustamos as lentes para o protagonista – Emanuel, garoto sírio, que se encontra em um campo de refugiados, espaço marcado pela dor e pelo sofrimento. Apoiados nos conceitos de enunciado concreto (BAKHTIN, 2016) e signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017), temos como foco analisar trechos da obra que materializam a retomada de outros enunciados e o posicionamento valorativo e responsivo. Os resultados da análise mostram que a retomada de enunciados contribui com o posicionamento axiológico do autor, reforçando o embate linguístico proposto pelos integrantes do Círculo que ampliaram o debate sobre a língua para além da abstração linguística, apontando-a como constitutiva da vida vivida e, por isso, reflete e refrata a dor e os conflitos humanos.

Palavras-chave: Enunciado concreto; Narrativa juvenil; Análise do discurso; Refugiados

76

ABSTRACT: The theory postulated by Bakhtin and the Circle is based on tension, whose conflict is the axiologically valued point of view. In opposition to universalizing abstraction and linguistic treatment in the immanence of language, the Bakhtinian perspective points to studies and analyses of concrete and relatively stable utterances in which the voice of the other and the resumption of other discourses are constitutive elements that cannot be neglected. In this discursive construct, we propose the analysis of the juvenile work, *O Cometa é um sol que não deu certo* (SM, 2017) Tadeu Sarmiento. We adjust the lens to the protagonist - the Syrian boy Emanuel who finds himself in a refugee camp, a space marked by pain and suffering. Supported by the concepts of concrete utterance (BAKHTIN, 2016) and ideological sign (VOLÓCHINOV, 2017), we focus on analyzing excerpts from the work that materialize the resumption of other utterances and the evaluative and responsive positioning. The results of the analysis show that the resumption of utterances contributes to the author's axiological positioning, reinforcing the linguistic clash proposed by the members of the Circle who broadened the debate on the language that is part of lived life and, therefore, reflects and refracts pain. and human conflicts.

Keywords: Concrete utterance; Youth narrative; Speech analysis; Refugees

¹ Doutoranda pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Integrante do GP/CNPq/USP Linguagens, discurso e ensino. E-mail: mendesviviane82@usp.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5073-6743>



Introdução

A teoria da linguagem postulada pelo chamado "Círculo de Bakhtin" trouxe vida e concretude ao estudo da linguagem. Enquanto os formalistas e estruturalistas trabalhavam na abstração linguística, Bakhtin, Volóchinov e os demais membros do Círculo entendiam a linguagem como um produto social e dialógico, ou seja, consideravam o outro na composição da língua e seu contexto extraverbal. Nessa abordagem dialógica e alteritária, os autores russos reivindicaram a língua como processo social, valorado e que traz consigo uma ideologia. Essa concepção de língua concreta traz para as discussões valores e posicionamentos que refletem e refratam a voz do outro. A abordagem discursiva do Círculo de pensadores russos assenta-se na tensão, na arena discursiva, cujo embate é o ponto de vista de sujeitos historicamente situados. A perspectiva bakhtiniana aponta para estudos e análises de enunciados concretos e relativamente estáveis em que a voz do outro e a retomada de outros discursos são elementos constitutivos que não podem ser negligenciados. Nesse constructo discursivo, propomos a análise da obra juvenil do recifense Tadeu Sarmiento, *O cometa é um sol que não deu certo* (2017), partindo de duas questões centrais: Como o refugiado é representado nessa narrativa juvenil? Quais vozes atravessam a narrativa sobre refugiado sírio?

Para responder a essas questões, ajustamos as lentes para o protagonista Emanuel, menino sírio, que se encontra em um campo de refugiados localizado na Jordânia, espaço marcado pela dor e pelo sofrimento. Sarmiento arquiteta seu enunciado em torno das pessoas que estão em situação de deslocamento forçado, retomando outros enunciados, a partir de vozes sociais que apontam para diferentes ideologias. Apoiados nos conceitos de enunciado concreto (BAKHTIN, 2016) e signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017), este artigo tem como foco analisar trechos da obra que materializam a retomada de outros enunciados e o posicionamento valorativo e responsivo.

A escolha da obra tem como critério a literatura juvenil contemporânea brasileira que contempla temas atuais – no caso, os refugiados – suscitando o debate em torno da dor humana, propondo uma ruptura com os padrões canônicos que, geralmente, ganham destaque nos materiais didáticos e acervos de bibliotecas escolares. A relevância do tema, atual e necessário, coloca-nos frente à questão metodológica: Poderia a leitura humanizar e ir além do conteúdo e da fruição, tornando seus leitores mais atentos a questões sociais? Nossa análise é atravessada por essa questão que aponta para o outro-refugiado.



Os resultados da análise mostram que a retomada de enunciados insere a linguagem literária numa cadeia discursiva, reverberando diferentes ideologias na representação do refugiado, reforçando o embate linguístico proposto pelos integrantes do Círculo que ampliaram o debate sobre a língua que faz parte da vida vivida e, por isso, reflete e refrata a dor e os conflitos humanos.

A palavra como ato ideológico

No ensaio introdutório da obra, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929] 2017) (doravante MFL), a pesquisadora, tradutora e professora Sheila Grillo contextualiza o processo de tradução de MFL. Grillo destaca que devido à importância da obra e às traduções indiretas, proveniente do francês, motivaram-na a traduzir diretamente do russo. A autora apresenta o “macrocontexto” da obra, situando o leitor quanto ao processo de produção. Seguindo a primeira edição russa, cujo autor é Valentin Volóchinov e com base em fontes primárias consultadas nos arquivos em Moscou, Grillo recupera ainda os interlocutores alemães do Círculo: Humboldt, Cassirer e Vossler.

Volóchinov aponta para os problemas da filosofia da linguagem que tem importância para o marxismo. Destaca que qualquer produto ideológico vai além da realidade natural e social, ele reflete e refrata outra realidade fora de seu limite. “Tudo que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*” (2017, p. 91, grifos do autor). Para Volóchinov se há signo, há ideologia. Nessa abordagem, o signo encarnado de ideologia opõe-se ao signo abstrato da longa tradição linguística de Saussure.

A língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano. Para separar de modo abstrato a língua do seu conteúdo ideológico ou cotidiano, também seria necessária uma orientação específica, não condicionada pelos objetivos da consciência falante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

O objeto físico também é ideológico, uma vez que também reflete e refrata uma realidade. Um instrumento de produção, por si só, não é ideológico, mas pode ser transformado em signo ideológico, por exemplo, a foice e o martelo do brasão. De maneira similar existe o mundo dos signos. Cada campo em que se insere o signo, possui seu modo próprio de se orientar na realidade, refratando-a a seu modo.



Volóchinov assevera que qualquer signo ideológico, além de ser um reflexo, também é parte material dela. E qualquer fenômeno ideológico sógnico se materializa: som, massa, corpo em movimento.

Para a filosofia idealista¹, a ideologia é um fato da consciência. Para Volóchinov, a própria consciência está repleta de signos e passa a existir no processo de interação social. No idealismo, a consciência se torna tudo, ou seja, define a existência. O autor destaca ainda o positivismo psicológico de Wilhelm Dilthey (1833-1911), em que todo o sentido do mundo material é colocado no espírito. Distanciando-se dessas duas correntes teóricas, Volóchinov ressalta que a consciência individual é um fato social e ideológico, ou seja, “A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada” (VOLÓCHINOV, 2017, p.97).

Ao isolar os fenômenos ideológicos da consciência individual, Volóchinov os relaciona com a comunicação social, como materialização, coloca a palavra como *par excellence*. Para o autor, ela vem em primeiro plano na ciência das ideologias.

Ao colocar a palavra em primeiro lugar, na materialização do signo ideológico, Volóchinov salienta que não se esgota. A palavra também é um signo neutro, pois ela pode assumir qualquer função ideológica (científica, artística, moral). Destaca que na comunicação cotidiana, não pode ser atribuído a um campo ideológico. É no campo da ideologia do cotidiano que se encontra o coloquial e suas formas.

Volóchinov apresenta mais uma particularidade da palavra: material sógnico da vida interior – a consciência – (discurso interior). Segundo o autor, a consciência pôde se desenvolver graças a um material flexível expresso pelo corpo: a palavra. “A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p.100). O signo não se restringe à imanência da língua, ou seja, não é abstrato. Ainda afirma: “[...] por isso, em torno de todo signo ideológico se formam como que círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais ” (VOLÓCHINOV, 2017, p.101).

O autor russo discute a relação língua/linguagem também no texto, “O que é língua/linguagem?”, de 1930. No título e nos subtítulos, o leitor se depara com a dupla articulação língua/linguagem, antecipando sua coexistência e correlação. Volóchinov inicia a primeira seção, exemplificando o processo metalinguístico de escrita de um autor, ou seja, antes mesmo de iniciar seu processo criativo o autor pensa que linguagem deve utilizar. Seja pensando na escolha lexical ou na disposição das palavras, no conteúdo da obra, o criador percebe que a língua que ele utiliza

¹ Representado por Karl Vossler (1872-1949); Benedetto Croce (1866-1952); Hermann Cohen (1842-1918)



em seu cotidiano, de maneira corriqueira, no momento do processo de escrita, surge como elemento complexo e difícil. A partir desse exemplo, o autor reflete sobre a complexidade de lidar com a língua no processo de criação literária que, embora de uso comum para o artista, apresentasse como “[...] bloco de mármore gigante [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p.236), sem flexibilidade no manejo de sua matéria-prima, a palavra. Compara a palavra à argila e ao mármore, destacando a característica maleável e sem vida desses elementos que podem ser moldados pelo artista, diferentemente, da rigidez das palavras que são vivas e não podem ser simplesmente moldadas pelo escritor. O autor apresenta exemplo de escritores que tentaram romper com a rigidez das palavras, mas não obtiveram sucesso. Em seguida, destaca que, sem compreender a essência da língua e da linguagem e seu uso na vida social, não será possível abordar corretamente a “estilística do discurso literário”, em outras palavras, não é possível dominar o modo de construção do texto.

Para responder à questão colocada, “Mas o que é língua/linguagem?”, o autor faz um percurso histórico, mostrando como surgiu a linguagem e sua evolução. Refuta a crença de uma “força divina” e alinha-se com a teoria evolucionista. No que tange à evolução da linguagem, recupera a manual (linguagem de gestos e expressões) dos primatas, passando pelo desenvolvimento de palavras ao processo de cruzamento linguístico que surge com a evolução da atividade econômica e a combinação de palavras em frases. Volóchinov, por meio desse rastreamento histórico, indica que desde o surgimento da primeira palavra – mão – já estava revestida de ideologia. Finaliza a seção, concluindo “[...] a linguagem não é uma dádiva divina ou da natureza. Ela é produto da atividade coletiva humana, e todos seus elementos refletem a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a gerou”. (VOLÓCHINOV, 2019, p.248).

O autor alerta que em sua conclusão há a seguinte lacuna: a relação evidente entre língua e o pensamento social. Volóchinov aborda o papel que a língua/linguagem desempenha na vida social. Para isso, o signo deve se tornar estável para obter valor social, ou seja, ter sentido para determinada sociedade. Esse signo deve estar interiorizado pelas pessoas, tornar-se um discurso interior, para depois ter uma resposta ativa a ele, condição para comunicação discursiva.

Para o autor, a aquisição da linguagem em seu valor social é também como divisor de classe. A partir da apropriação da linguagem pelo ser humano, as divisões surgem dos grupos – classes sociais. Por fim, sem o surgimento das palavras, também não haveria comunicação social (forma materializada é a língua), nem mesmo a cultura.



Volóchinov destaca que nossa expressão sempre será envolvida do social e do histórico. A condição do indivíduo, a posição social que ele ocupa, o lugar onde está e o momento perpassam sua comunicação, ou seja, “toda expressão possui uma orientação social” (2019, p.257). O autor reitera que toda tomada de consciência precisa de um discurso interior e uma entonação interior e afirma que não pode existir consciência sem o tom ideológico da palavra interior.

Considerando também o entorno ideológico e social da língua e da linguagem, Bakhtin, em seu manuscrito inacabado, *Os gêneros do discurso* ([1952/1953] 2016), reflete sobre a linguagem como constitutiva dos campos da atividade humana. Questionando seus interlocutores, os formalistas russos, cuja construção conceitual de gênero, desconsidera o contexto e autor, tratando-o apenas como objeto. Para Bakhtin, o ato de enunciar algo, é materializado em forma de enunciados concretos, seja oral ou escrito. Esses enunciados são produzidos levando em conta um conjunto constituído por:

- a) Conteúdo temático – sobre o que se fala/escreve, considerando o verbal e o extraverbal;
- b) Estilo – seleção de recursos linguísticos;
- c) Construção composicional – configuração geral do enunciado.

Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis, denominados gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, p.12). Relativo, pois pode haver características de um gênero em outro e por suas diversas possibilidades dada à variedade dos campos de atividade humana, pois há diversas situações que podem modificá-los. A proposta de Bakhtin é o estudo da linguagem como sociointeracional.

Deve-se levar em consideração uma diferença essencial entre gêneros do discurso: da esfera cotidiana – comunicação verbal espontânea, discursos do cotidiano; da esfera da vida pública – surgem de uma convivência cultural mais complexa. Eles estão inter-relacionados, sob essa relação, do ponto de vista histórico esclarece a natureza do enunciado. Dessa forma, os gêneros podem ser incorporados e reelaborados.

Enunciados concretos (fala e escrita) se relacionam com atividades de comunicação (crônicas, documentos, pesquisas). A língua penetra na vida e a vida na língua através dos enunciados concretos.



Clark e Holquist (2008) tratam da questão da linguagem no Círculo de Bakhtin. Os biógrafos apontam para a intenção de Bakhtin em dar conta do extraverbal, do que está para além da linguística a ponto de propor a "translinguística"². Segundo os autores,

Ele quer incluir em sua descrição da linguagem todos os fatores afora as palavras que têm profunda relação com o significado delas, como é o caso das diferenças de idade ou de posição social e de condição em que a fala se deu, se entre amigos em conversa íntima ou em público, num auditório composto de muitos ouvintes estranhos ao locutor, se é algo dito por impulso ou como parte de uma resposta obrigatória num ritual. O número de tais fatores é tão elevado que chega ao ponto de ser inconcebível, e a maioria dos linguistas têm excluído cuidadosamente tais considerações de suas explicações porque elas parecem ter solopado toda a tentativa de descrever a linguagem como sistema. (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 234).

Dessa guinada metodológica proposta por membros do Círculo, repensamos o uso da linguagem considerando o embate discursivo, as várias vozes sociais e o endereçamento. Considerando que: "Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser isolados, nem separados dele por completo" (VOLÓCHINOV, 2017, p.101). A palavra não substitui outros signos ideológicos, ela serve como apoio a eles. A partir dessa compreensão da linguagem, subsidiados pela teoria bakhtiniana, ajustamos as lentes para investigar as camadas discursivas em torno da representação do refugiado na narrativa juvenil, analisando na materialidade linguística as vozes sociais que refletem e refratam esse outro que é forçado a deixar sua pátria.

Refugiado: quem é esse outro?

Os deslocamentos forçados são cada vez mais recorrentes no mundo em que o liberalismo delirante predomina. As causas são as mais diversas: guerras, intolerância religiosa, perseguições políticas. Essa triste e dura realidade é tema de diversas obras ficcionais que buscam tocar o leitor para a crise humanitária que desola os dias atuais.

A leitura nos coloca frente ao outro, com sua tessitura narrativa, podemos nos aproximar de realidades e personagens que serão integrantes de nossa identidade. Este exercício de análise tem como matriz a constituição do outro na narrativa. O outro marcado pela dureza de um mundo de desenfreado capitalismo, pela estupidez e intolerância humanas, questões que, à primeira vista, parece-nos distantes, mas bate à nossa porta, diariamente.

² Traduzido diretamente do russo por Paulo Bezerra como metalinguística



São nos fios narrativos que encontramos elementos para lidar e colocar em debate essas dores e feridas humanas. A dor do outro encarnada em palavras que pode ou deveria tocar seus leitores. Por meio do exercício de análise a seguir, procuramos recuperar esses elementos que apontem os indícios de alteridade e desromantizem a situação de refúgio imposta a milhares de pessoas, com foco na materialidade linguística, apontando para os embates discursivos.

No artigo, "Os enquadres discursivos do acontecimento migratório: narrativização, banalização e estigmatização", Wander Emediato (2020) faz uma retomada histórica dos fluxos migratórios, especialmente, no Brasil.

O autor compara a dimensão do tema sobre a migração em países da Europa com o Brasil, sendo esse último com essas discussões mais recente, sobretudo, pela fronteira com a Venezuela, o fluxo migratório do Haiti e a guerra na Síria que tem despertado o "olhar para fora", na Europa, que passa a tratar o refugiado de modo negativo. Se antes o termo em debate era imigração, hoje ele passa a ser "refugiados". Pondera que o termo imigrantes possuía a concepção de progresso, enquanto refúgio passou a ter uma acepção negativa.

Emediato cita a pesquisadora, Simone Bonnafous, cuja tese, defendida em 1990, tem como foco o discurso sobre imigrantes e a imigração no período de 1974 e 1984. Em seu estudo, constatou que, especialmente a partir de 1980, verificou-se uma banalização do discurso sobre a imigração na imprensa política e uma homogeneização do discurso midiático sobre o tema, fazendo surgir laços discursivos entre crise e xenofobia e uma dialética entre o "eles" e o "nós". (EMEDIATO, 2020, p. 601). Destaca ainda que, nesse período estudado por Bonnafous, a situação de imigrantes passa de social para um caráter de "crise".

A pesquisa de Emediato nos convoca a refletir sobre as valorações que pousam sobre a designação imigrante e refugiado. Nessa concepção, a teoria bakhtiniana ganha destaque, pois os vocábulos materializam valorações que incidem diretamente no trato às pessoas em situação de vulnerabilidade por conta do deslocamento forçado. Enquanto as refrações do termo imigrantes ressoava como trabalho, agregação de cultura, o termo "refugiados" ganha o espaço institucional e midiático, torna-se também um problema de estado, com dispositivos jurídicos sendo criados para tratar o assunto e os indivíduos situados no interior dessa designação" (EMEDIATO, 2020, p. 599).

Quais as intervenções podem ser feitas para que esse estigma, esse rótulo descole dos refugiados? Nossa proposta é que, por meio do texto literário, a reflexão sobre a representatividade, envolvendo os refugiados possa ir além do divulgado. A imagem do migrante, especialmente em contextos em que eles se tornam o centro de um debate político e de uma



“crise”, significa um incômodo, já que eles aparecem nas páginas de jornais em situações de tristeza ou de penúria.

O imaginário social é o do Brasil, terra de acolhimento e da diversidade multicultural. Já o termo refugiados atualiza o presente em um sentido de barbárie, de fome, de miséria, algo da ordem do incontrolável, da invasão alienígena, da ameaça – não identitária, mas econômica, social, de território" (EMEDIATO, 2020, p. 605).

A autor destaca as diferenças de sentido nos signos "imigrante" e "refugiado", segundo ele, o imigrante tem uma narrativa (a partir da pesquisa via Wikipédia e Brasil escola) romanizada, beirando ao épico em que o imigrante é visto como um sujeito que agrega ao país e, dessa forma, contribui para seu desenvolvimento. Recebem destaque os imigrantes oriundos da Europa, sendo que chineses, bolivianos, paraguaios e sul-coreanos são apagados dessa narrativa romantizada.

O professor e pesquisador da Paris-Sorbonne – *Paris IV*, Leonardo Tonus³, tem se dedicado ao tema dos refugiados na literatura. No período de 2010 a 2013, liderou um projeto de pesquisa cuja discussão era o esvaziamento da figura do refugiado na literatura brasileira contemporânea. Tonus reflete sobre a quase não discussão do tema até os anos 90 e hoje a repercussão, sobretudo, pela mídia

Em sua pesquisa, Tonus destaca o Brasil nos principais tratados sobre refugiados e sua participação no Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), órgão presidido pelo Ministério da Justiça que lida com formulação de políticas para os refugiados no país. Entre 2010 e 2017 houve um aumento de 12% de refugiados reconhecidos no Brasil.

Tonus aponta as notícias diárias que circulam sobre mortes e desaparecimentos de refugiados, mesmo com a adoção de políticas dos países, também sinaliza que tem crescido o número de pesquisas, palestras, jornadas de estudos sobre o tema. Destaca "Refugees Studies" de Oxford em 1982, além de outras instituições como no Cairo, Copenhagen. Além das manifestações artísticas, como eventos em 2015 e 2016.

A reivindicação do professor é legítima, visto que o número de migrantes tem aumentado sensivelmente nos últimos anos. Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para refugiados (ACNUR) apresentados no relatório semestral de 2021 mostram que houve um aumento acentuado dos números, foram 172.000 a mais que em 2020.

Diante desses dados, inserir a discussão sobre os deslocamentos forçados na literatura brasileira juvenil contemporânea é um ato ético, moral e epistemológico que surge no estético.

³ Vale destacar o projeto "Migra", disponível em: www.projetomigra.com



Bakhtin aborda a questão da contemplação artística com empatia. Nesse ponto, o autor apresenta o que mais tarde seria o conceito de exotopia. O sujeito precisa contemplar o mundo, afastando-se dele. Bakhtin ainda destaca que não se pode pensar em uma empatia pura, uma vez que perderia minha singularidade e, portanto, não seria um ato responsável. Bakhtin ressalta, “compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele [...]” (2010, p.66).

Tendo em vista uma desconstrução da ideia do refugiado atrelado à crise, à violência, elegemos o texto de Sarmiento a fim de trazer ao debate uma narrativa juvenil contemporânea que dialogue com o leitor e ressignifique a imagem do outro, convocando o jovem leitor a uma leitura exotópica em que ele enxergue o outro e volte ao seu lugar, único e irrepetível para (re)pensar a realidade em que se encontram milhares de pessoas no mundo.

As significações e refrações na narrativa juvenil

O livro ganhador do "Prêmio Barco a vapor", *O cometa é um sol que não deu certo*, de Tadeu Sarmiento, nascido em Recife em 1977 e ilustrações de Apo Fousek, nascido em São Paulo em 1974, narra o cotidiano de pessoas – refugiados da Síria – que vivem no campo de refugiados, com destaque para o protagonista – Emanuel –, um menino sírio que “guarda o sol nos olhos como um disco luminoso” (SARMENTO, 2017). A história é narrada em 113 páginas.

Sob a perspectiva do narrador, a história de Emanuel e sua família agrega-se a outras personagens que estão em situação de refúgio no campo: Amal, Nabir, Nair, Omar, Youssef. O protagonista, Emanuel (chamado de criança, mesmo sem ter a idade marcada no texto), vivencia as dificuldades no campo de refugiados. O livro expõe o transporte difícil para atravessar as fronteiras, a fome, falta de comida e água. A seguir, analisaremos trechos do texto que exploram três categorias, a saber: a) os embates discursivos, considerando elementos linguísticos e extraverbais; b) as discursividades produzidas no campo de refugiados sírios na Jordânia; c) as refrações na figura do protagonista. A escolha dos trechos a seguir recaiu sobre os que mais evidenciavam as categorias de análise.

a) Embates e valorações do verbal ao extraverbal

O protagonista, Emanuel, está com sua família (seu pai Youssef e sua mãe Hosana) no campo de refugiados, juntamente com outras crianças como Amal, Nabir, Kalil. Crianças que tiveram que deixar seus lares por conta da guerra. Nessa narrativa de conflito e dor, as escolhas lexicais e disposições das palavras materializam valorações frente aos deslocamentos forçados.



No enunciado a seguir, a tessitura narrativa e o contexto histórico aponta para o leitor a realidade dura e conflituosa na Síria:

Na cabeça de Emanuel passam muitas coisas, algumas delas bem ruins. É que ele, Amal e Nabir são sírios, como muitos refugiados do campo. Eles fugiram da Síria depois de o ditador do país atacar as pessoas que se manifestavam contra seu governo.

As tropas do exército atiraram em quem pedia liberdade e melhores condições de vida. Isso aumentou a revolta popular contra ele. [...] Na tevê, os repórteres chamam essa manifestação de "Primavera Árabe". Emanuel achou esse nome bonito" (SARMENTO, 2017, p.14-15).

Nesse enunciado, as personagens Emanuel, Amal e Nabir representam outros refugiados que se deslocam para o campo. Essa representação é materializada linguisticamente em "como muitos refugiados do campo". A presença do advérbio de intensidade "muitos" ressalta a condição de outras pessoas além de Emanuel e seus amigos.

Na construção: " As tropas do exército atiraram em quem pedia liberdade e melhores condições de vida", verificamos a tensão entre "tropas do exército" que, em tese, deveriam proteger seu povo e atiram em quem pede liberdade e melhores condições de vida. Como consequência, surge o movimento popular.

O campo lexical (fugiram, ditador, atacar, tropa, atiraram) extrapola a imanência da língua, ou seja, seu sentido abstrato e constrói o momento histórico – a guerra na Síria, em 2011. A narrativa retoma esse tempo histórico com a manifestação popular que deu origem à "Primavera Árabe". Emanuel "achou esse nome bonito" que revela a posição valorativa de apoio ao movimento, por meio do adjetivo.

A "beleza" do movimento é interrompida pela memória de Emanuel, que recorda o momento em que ele precisou abandonar seu lar:

Só que, quanto mais revolta, mais força bruta. O bairro de Nabir, por exemplo foi violentamente bombardeado e todos que sobreviveram escaparam de lá. Amal também teve que fugir com a família depois que as tropas do governo invadiram sua cidade atrás de brigadas rebeldes. Assim como Emanuel, que precisou abandonar sua casa. É disso que ele está lembrando. Vem-lhe à memória a noite em que atravessou o deserto em um caminhão cheio de refugiados. Não consegue se esquecer do choro dos bebês, do rosto cansado dos homens, das mulheres amedrontadas apertando seus filhinhos contra o peito. (SARMENTO, 2017, p. 15).

Nos enunciados, observamos os embates discursivos mobilizados pela memória de Emanuel que evoca o movimento popular árabe – "Primavera Árabe" – e a "força bruta", ou seja,



movimento democrático em oposição ao autoritarismo. O uso do advérbio "violentamente" também marca a posição valorativa negativa em relação às atitudes promovidas pelo governo que "invadiram" suas casas. Note-se que o verbo escolhido também marca uma denúncia. Essas palavras extrapolam o estado de dicionário e retomam um momento histórico, marcado e valorado na narrativa. O contexto apresentado penetra no texto literário, nesse elo discursivo, o narrador evoca a memória de Emanuel que denuncia a opressão em seu país.

Ainda nesse enunciado, Emanuel recorda-se do momento de deslocamento, ao qual não se esquece, chama a atenção a vulnerabilidade mais evidenciada na figura das mulheres, enquanto os homens estão "cansados", elas estão "amedrontadas", com seus "filhinhos", o diminutivo dá conta também da vulnerabilidade das crianças que, desde muito cedo, conhecem a dor e o sofrimento.

b) Tensões e discursividades no campo da Jordânia

A proposta dialógica de linguagem advinda do Círculo de Bakhtin, considera as ideologias circundantes e as diversas vozes sociais que dali emergem. O sujeito historicamente situado expressa, por meio dos enunciados, seus valores. A ideia de cadeia discursiva esclarece que, ao enunciar, esse sujeito retoma outros enunciados, acrescentando suas valorações. Nessa perspectiva, o espaço, ocupado por esses sujeitos, torna-se palco de diversas vozes sociais e, dessa forma, discursividades são produzidas.

Nessa abordagem dialógica, nossa proposta é verificar quais discursos são produzidos no espaço no espaço da narrativa – o campo de refugiados sírios, situado na Jordânia. Por meio da voz do narrador, investigamos as relações construídas no campo para desvelar quais tensões são produzidas a partir desse espaço. "E como faz calor! A vida por lá é muito difícil; ou as pessoas estão tristes, ou com fome, ou com medo (ou as três coisas juntas). Por isso é bom rir de vez em quando. É o que pensa Emanuel" (SARMENTO, 2017, p.9).

A expressão "E como faz calor!" que remete a passeios em praças e praia, é tensionada pela oração seguinte "a vida por lá é muito difícil", seguida pelo adjetivo "triste" e as locuções adjetivas "com fome" e "com medo", que revelam a vida dos refugiados no campo, marcada pelo medo, pela fome e pela tristeza.

Esse embate discursivo é colocado para o leitor com a gradação do adjetivo e da locução, além de difícil, o lugar é inóspito e gera o medo. A aridez e tristeza do local, é tensionada com a ação "rir". Embora num ambiente hostil, Emanuel tem esperança, o riso aqui marca a resistência de alguém que segue em frente, apesar das adversidades. Esse riso, na perspectiva bakhtiniana,



engendra uma posição valorativa⁴. O riso é concebido como resistência à ordem oficial, uma espécie de subversão, uma resistência aos padrões hierárquicos estabelecidos, ou seja, a marca de resistência dos refugiados, representados na figura de Emanuel, é o riso.

Os embates discursivos refletem os próprios conflitos enfrentados no campo. Além da vigilância constante dos guardas, o próprio ambiente gera a tensão: "O chão é branco igual a leite de cabra, só que ralo. Leite de uma cabra magra e cansada. Os adultos dizem que lá a cor é assim porque estão em um deserto onde ninguém estaria se não houvesse pessoas como eles." (SARMENTO, 2017, p.10).

Na descrição, o chão é branco. A cor branca simboliza paz e tranquilidade é tensionada pelo os tons terrosos atribuídos ao deserto, localização do campo. Essa cor é comparada ao leite de cabra que acompanha os adjetivos "magra" e "cansada", remetendo à dor e à morbidez do local. Se pensarmos as palavras "leite" e "cabra" para além do horizonte puramente linguísticos, inferimos o leite como marca da supremacia e hegemonia branca e a cabra, dentro da ideologia Cristã, como símbolo de submissão a Deus. Os adjetivos "cansada" e "magra" desconstroem o imaginário de paz e tranquilidade que se poderia ter, eles indicam a dureza da vida no deserto. A imagem branca é, a cada oração, subvertida, sendo a cor atribuída ao deserto "onde ninguém estaria se não houvesse pessoas como eles". A condicional é materializada pela conjunção "se", colocando em embate o "eu" e o "outro". O lugar inóspito só é ocupado por haver refugiados.

Dentro do campo, marcados pelas mesmas aflições, os refugiados unem-se, todos enfrentam os mesmos problemas, ou seja, o lugar que ocupam – o campo – ganha uma dimensão discursiva cuja marca é a dor humana.

Então todos fizeram uma fila para cumprimentar Youssef e sua família, não importando mais que fossem de religiões diferentes ou que no país deles estivessem matando entre si por diferenças religiosas. Pois ali, no campo de refugiados, eles aprenderam aos poucos e da maneira mais dura, que as diferenças se transformam em afinidades quando todos estão no mesmo barco e lutando contra um inimigo comum: a estupidez humana (SARMENTO, 2017, p.89).

Em sua despedida, a família de Emanuel recebe a solidariedade das demais pessoas que ocupam o campo. Nesse limiar de fronteira, do lugar e não-lugar, as diferenças dão espaço para as afinidades. O embate referente à ideologia religiosa é marcado linguisticamente pelo

⁴ Em sua tese de doutorado (Instituto de Literatura Mundial Gorski), publicada posteriormente, em 1965, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin propõe o conceito de carnavalização e trabalha com a valoração do riso sob a perspectiva popular.



enunciado "[...] não importando mais que fossem de religiões diferentes ou que no país deles estivessem matando entre si por diferenças religiosas". Note-se que a escolha sintática e lexical possui um tom de denúncia e crítica à intolerância e ao extremismo religioso.

c) As refrações na figura do protagonista

A tessitura narrativa construída por Sarmiento tem como foco a figura do menino Emanuel. Partindo do seu nome, essa narrativa vai afinando sua representação com a religião cristã, por meio da figura do Cristo – também Emanuel. Nesse sentido, Emanuel deixa de ser um signo abstrato e puramente linguístico, ele é um signo ideológico. Além do nome que remete a Cristo, há passagens em que esse diálogo com a personagem cristã é realizado. Ele desenha um peixe – símbolo do cristianismo – e que também é símbolo da vida. "Então se agacha e começa a desenhar na areia, com o dedo indicador, o que parece ser um peixe" (SARMENTO, 2017, p.11).

A aproximação com a figura cristã atinge seu ápice com a passagem em que Emanuel carrega o telescópio, como se fosse sua cruz. O embate entre as ideologias religiosa e científica é representado por meio da cruz e do telescópio (dentro da maleta pesada), revelando os diferentes discursos que atravessam a narrativa. Para Volóchinov, "[...] somente aquilo que adquiriu valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se" (2017, p.111). Dessa forma, cruz e telescópio possuem essa valoração socialmente compartilhada que nos remete às esferas ideológicas postas em tensão.

O jovem protagonista quer levar para o alto o telescópio que ganhara de Omar (professor de astronomia na universidade), para que as crianças do campo possam ver o cometa. Numa atitude altruísta, Emanuel representa a tensão com a figura de violência e crise que, muitas vezes, carrega o termo "refugiado".

Da janela do abrigo, ele pensa com tristeza nas crianças que, como aquele menino do bote, não sobreviveram às diversas formas de intolerância. Dali, olhando para o céu (sempre o céu) e vendo a noite passar, ele também espera pelos amigos do campo enquanto sonha com um mundo melhor que este. Um mundo onde as crianças não precisem se preocupar com nada além dos estudos e em crescer para se tornar adultos melhores que seus pais" (SARMENTO, 2017, p.113).

Após deixar o campo, Emanuel e sua família vivenciam a experiência de milhões de pessoas. Em um bote tentam cruzar a fronteira para deixar o campo. A passagem nos remete à fatalidade com o menino sírio de três anos, Alan Kurdi, que morreu em 2015, quando sua família tentava atravessar o mar na Turquia. A personagem refrata as diversas vozes que se chocaram



com essa fatalidade e nos convoca a rememorar as diversas mortes de refugiados que fogem em busca de um lar. Como preconiza a perspectiva bakhtiniana: "Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser primeiro ou último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado" (2017, p.26). A narrativa nos remete, neste caso, ao enunciado social veiculado nos jornais. A morte de refugiados em botes superlotados ainda estampa os jornais.

O desfecho nos coloca diante do outro que arrisca sua vida na busca pela sobrevivência. Esse outro – representado por uma criança – coloca em evidência a vulnerabilidade dos refugiados. Esse trecho evoca outros enunciados, de outra esfera – jornalística – o texto literário não tem seu fim em si mesmo, levando o leitor a repensar sobre o acontecimento social, retomadas esteticamente na obra literária.

Considerações finais

Nesta análise, buscamos evidenciar como a narrativa juvenil materializa linguisticamente os embates sociais e ideológicos. Para além do estado de dicionário, as palavras, consideradas como signo ideológico, apontam para valores que produzem tensões no texto. Essa abordagem social e dialógica, convoca, no mínimo, duas consciências, ou seja, produz pontos de vista que estão em concordância ou dissonância, mas sempre em diálogo.

A obra de Sarmiento convoca o leitor a uma leitura crítica e reflexiva, tornando-a uma forma de pensar sobre a condição do outro – refugiado. A narrativa insere-se numa cadeia discursiva que retoma enunciados da esfera jornalística. O extraverbal penetra na narrativa, conduzindo o leitor a estabelecer relações e a refletir sobre a condição dos refugiados.

Repensar a língua como indissociável do contexto social é reconhecer que ela é concreta e situada e não abstraída de sentido e ideologia. Nesse sentido, a vida reflete e refrata a condição do refugiado sob o sensível texto de Sarmiento que traz o embate discursivo, privilegiando a voz daqueles que são, socialmente, silenciados.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p.41-144.

BAKHTIN, Mikhail M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EMEDIATO, Wander. Os enquadres discursivos do acontecimento migratório: narrativização, banalização e estigmatização. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, vol. 28, p. 597-618, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/15575>. Acesso em 03/jul. / 2022.

SARMENTO, Tadeu, **O cometa é um sol que não deu certo**. Ilustrações Apo Fousek. São Paulo: Edições SM, 2017.

TONUS, Leonardo José. **Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa?** In: *Letras de Hoje*, v. 53, n. 4, p. 479-483, out-dez. 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. "O que é língua/linguagem?". In: **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p.234-265.